



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



## **BOM FIM: Bonfim em foco I, mapeamento do distrito feirense Bonfim de Feira, Bahia**

Liana Maria Barbosa<sup>1</sup>, Gracinete Bastos de Souza<sup>1</sup>; Davi Cerqueira Grilo<sup>2</sup>, Alisandra Souza Silva<sup>2</sup>, Laina Freitas de Melo<sup>2</sup>. <sup>1</sup>Professoras do Departamento de Ciências Exatas, UEFS; <sup>2</sup> Licenciados em Geografia pela UEFS<sup>1</sup> ([liana@uefs.br](mailto:liana@uefs.br); [gracinet@uefs.br](mailto:gracinet@uefs.br))

Eixo temático: Cultura, memória e patrimônio cultural

### **RESUMO**

O mapeamento do distrito Bonfim de Feira foi realizado por meio de técnicas convencionais com trabalhos de campo, registros fotográficos, obtenção de documentos (jornais, panfletos, processos cíveis) e conversas informais com a população. A cartografia foi obtida com uso de fotografias aéreas e geoprocessamento. Como resultados, obtivemos a caracterização do meio físico, diagnóstico ambiental e breve história do povoamento. No que se refere aos aspectos históricos, culturais e sócio-econômicos do distrito, relatamos a toponímia e suas modificações, casario popular, estilos arquitetônicos, marcos geográfico-históricos (arquitetura pública, civil e religiosa) e calendário de celebrações culturais. Concluímos que Bonfim de Feira possui bens naturais e culturais de relevância não somente local, mas que se estende para a região de Feira de Santana. Os bens naturais incluem o relevo (serras e maciços residuais) esculpido em rochas cristalinas pré-cambrianas. Enquanto os bens culturais - materiais e imateriais resultam de uma história de povoação estimada na segunda metade do século XVIII. Esta história está fortemente associada com as culturas religiosas (afro-brasileira e católica), com a passagem dos tropeiros e dos boiadeiros, que dinamizaram o espaço, o comércio e as manifestações culturais.

Palavras-chave: Mapeamento, Cultura, Feira de Santana

## **ABSTRACT**

The mapping of the village of Bonfim de Feira was realized by conventional techniques that include work fields, photographs data, ancient documents (newspapers, pamphlets, civil processes) and conversation with local population. The maps were obtained by interpretation of aerial photographs and remote sensing. As results we have the characterization of the landscape, environmental problems and a short history of the settlement. Related with the historical, cultural, social and economic aspects of the village, we describe the modification of place names, architecture of residences, geographic and historical marks (public, civic and religious) and the cultural calendar. As conclusion we have that the natural and cultural resources of the village of Bonfim de Feira are relevant to the region of the Feira de Santana. The natural resources include the relief with mounts and massive residual marked in Precambrian crystalline rocks. The cultural resources (material and immaterial) are related to the history of the settlement that is probably dated from the second half of the XVII century. This history is substantial influenced by the afrobrasilian and catholic religious, besides the muleteers and cowhanders ways favored the city dynamic, the commerce, and the cultural celebrations.

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho apresenta o mapeamento do distrito Bonfim de Feira realizado no período de 2006 a 2011, que teve como objetivo inicial a investigação sobre rochas, relevo, vegetação, clima, espaço urbano, além da documentação dos problemas ambientais e breve caracterização de aspectos históricos, sócio-econômicos e culturais.

Para escolha deste local, partiu-se do pressuposto que o meio físico no distrito apresentava baixa vulnerabilidade ambiental, com índice entre 0,1 e 0,2 de acordo com a avaliação de Barbosa (2004) por meio de dados secundários, tais como taxa populacional, área, agricultura, comércio, pecuária e indústria. Portanto, este distrito teria alta resiliência ou alta capacidade para recuperar condições naturais. Esta avaliação, a extensão areal de 40km<sup>2</sup> e a população estimada em 5000 habitantes (IBGE, 2000), motivaram o desenvolvimento do projeto, que inicialmente demandaria poucas saídas de campo. No entanto, os trabalhos de campo e a produção de dados primários de Grilo (2008), Silva & Souza (2009) e Melo (2010, 2011) revelaram outro cenário com sérios problemas ambientais relacionados com desmatamento, erosão, assoreamento, falta de saneamento, falta de água potável, lixo disposto inadequadamente, perda de patrimônio cultural, alteração do casario popular e insalubridade em equipamentos públicos.

Com a conclusão da pesquisa, os resultados foram socializados com a população por meio de exposições e do “documentário Bom fim: Bonfim em foco I” (Barbosa *et al.*, 2010), que é um resumo do mapeamento sobre meio físico, diagnóstico geoambiental e breve história do povoamento no distrito Bonfim de Feira. O projeto de extensão “Bonfim em foco” foi formalizado (CONSEPE-UEFS, 38/2008), cujo desenvolvimento gerou maior aproximação com a população e, desde então, mais largo tornou-se o campo de atuação.

Na primeira visita ao distrito (março/2006), a equipe se apresentou para a administração pública local, deixando-a ciente da presença do grupo. Desta conversa, a administradora distrital indicou nomes de populares com quem a equipe poderia contatar e registrar informações sobre a história do distrito, caso fosse necessário. Um painel explicativo sobre o projeto (equipe, objetivos, justificativas) foi fixado na biblioteca. Outro painel foi fixado no mercado, com o esboço da área urbana e fotos. O objetivo era interatividade, onde o observador poderia fazer anotações, correlacionando foto e localização.

Atrelado ao mapeamento convencional, com uso de fotografias aéreas, mapas e trabalhos de campo, o grupo buscava informações sobre a proveniência das rochas da pavimentação, a localização de pedreiras, os tipos de materiais construtivos adotados nas edificações e localização dos serviços e equipamentos públicos. Contudo, as conversas informais com a população, o desenvolvimento da pesquisa e o trabalho de extensão desencadearam o efeito “bola-de-neve”, que alimentou a investigação com documentos e informações orais, quase sempre espontâneas de moradores da sede distrital e dos povoados. Ao final, a equipe dispõe de significativas contribuições de populares, comerciantes, rezadeiras, zeladores de terreiro e músicos. São sujeitos sociais que conhecem a história, detêm conhecimento de práticas populares de cura locais e muitos deles participam na atualidade do Grupo União dos Idosos de Bonfim de Feira, criado em 1º de setembro de 2011.

Os trabalhos de campo constaram de visitas, por vezes guiadas e anotações em caderneta de campo, documentação fotográfica e gravações, quando consentidas. A obtenção de dados e registros por meio de documentos formais (jornais, fotografias, panfletos, documentos cartoriais) e as conversas informais com a população permitiram a elaboração de uma linha de tempo do distrito. A documentação da arquitetura, história e celebrações culturais despertou atenção, levando à caracterização dos bens materiais e imateriais, que integra este trabalho.

## **RADIOGRAFIA DO DISTRITO**

O distrito Bonfim de Feira se localiza aproximadamente 34 km da sede do município de Feira de Santana. A população depende da pecuária, da cultura de fumo, da agricultura de

subsistência, de uma fábrica de peças íntimas, de uma fábrica de estofados e de modesto comércio. O relevo é marcado por serras e maciços residuais, onde as variações altimétricas variam de 180m nas proximidades do Ribeirão do Cavaco até 510m na Serra da Caboronga. Os pontos mais altos estão na Serra da Mata e na Serra da Caboronga. O substrato rochoso constitui-se predominantemente de rochas metamórficas, bastante fraturadas.

Os cursos fluviais são intermitentes (temporários) e a drenagem se caracteriza como dendrítica. O Riacho da Mussuca e o Riacho do Cabano escoam para o Ribeirão do Cavaco, que faz parte da bacia do Rio Jacuípe. De uma maneira geral, os solos são pouco espessos, formando uma pequena cobertura sobre a rocha alterada. Quando os solos são mais desenvolvidos, o perfil pedológico exibe uma textura areno-argilosa.

Os estudos revelam que a geografia e o meio ambiente do distrito sofreram modificações. No relato de uma bonfinense, a percepção da paisagem atual e a comparação com o que via na infância revelam problemas ambientais: *“A localidade (onde morou) era uma fazenda que chama Gome, ainda tá lá até hoje a fazenda. Esta fazenda, meu avô foi o feitor, o administrador. Era antes de chegar no Rio Cavaco; na mata da muriçoca ...; e o ano todo nós tínhamos frutas e verduras plantadas nas margens do Rio Cavaco. O Ribeirão do Cavaco tinha água, era fundo, meu pai levava a gente nas costas para atravessar ir práς Cajás. (- Sim, e a mata da muriçoca era grande?) Era grande, menina, a mata da muriçoca era bastante, enorme. Ficava ali perto, entre o Gome e o trecho que eu falei, que é a fazenda do Rumo. Quando eu vi que derrubaram todas as madeiras, todos os paus dessa mata, e que está um deserto, eu fiquei tão triste, de ver como acabaram com tudo aquilo...”* (FS, 78anos).

Nota-se a percepção das modificações ambientais e o lamento pela perda de recursos naturais. A falta de água, que é uma decorrência das condições climáticas locais, acentua-se com o processo de desmatamento. Silva & Souza (2009) concluem que o fraturamento e a alteração das rochas facilitam a abertura de cascalheiras e a remoção de brita para manutenção de estradas. Acrescenta-se que esta atividade modifica o relevo e por vezes, impede o escoamento das águas pluviais. Desta maneira, a água fica acumulada na cavidade, no entanto infiltra facilmente nas fraturas das rochas. Como a vegetação nativa está bem reduzida, ocorre assoreamento nas margens dos riachos, evaporação mais rápida das águas superficiais e erosão dos solos. As acumulações de lixo em locais inadequados e os esgotos a céu aberto, principalmente na zona urbana são evidentes. Portanto, Silva e Souza (2009) indicam a necessidade de saneamento básico e aplicação de plano de educação ambiental.

Na sede distrital, Grilo (2008) e Melo (2010) descrevem marcos geográfico-históricos, que são relevantes tanto para a população quanto para a história de povoamento. São vias de

comunicação, equipamentos públicos de comércio, educação, lazer e saúde, templos religiosos, monumentos e casario popular. O comércio inclui o mercado, mercearias, loja de ferramentas, bares, salão de beleza, barbearias, farmácia e oficinas mecânicas. O sistema de transporte coletivo conta com ônibus e utilitários.

Grilo (2008) registra serviços públicos e de consumo coletivo em responsabilidade de particulares (62%), municipal (27,5 %), estadual (3%) e federal (2,5%). Embora alguns serviços municipais tenham verbas provenientes das demais esferas governamentais - estadual e federal. No que se refere à urbanização, a maioria das ruas está pavimentada com pedras poliédricas. O asfalto foi aplicado na entrada da Rua da Feira e defronte ao mercado. Portanto, a maioria das ruas é de calçamento com pedras poliédricas ou pavimentação romana. As rochas são do tipo gnaisse, granito e granulito. No piso das praças e calçadas é comum o “mosaico português”, que combina calcário bege e calcário cinza. Porém em alguns pontos da sede distrital, isto nem é preciso, pois o substrato rochoso está exposto.

Algumas residências exibem frontais revestidos com lousas e placas de gnaisse, quartzito e ardósia, outras apresentam ornamentação de carbonato laranja. A “Santa Cruz” de pedra, marco religioso defronte à Igreja do Senhor do Bonfim, é revestida com rocha escura ferromagnésiana.

Considerando os dados de dezembro de 2011, registram-se 27 centros religiosos. As edificações católicas reúnem a Igreja do Senhor do Bonfim na praça central e as capelas, situadas no Monte (Candeal), Santa Bárbara, São Roque do Jenipapo, São Roque de Terra Nova e da Crueira. A paróquia é administrada por um pároco residente desde 2009.

O quadro evangélico inclui oito correntes, situadas na sede (Batista Fundamentalista (01), Assembléia de Deus (01), Evangelho Quadrangular (01), Pentecostal El Roí Mistério do Fogo (01), Testemunhas de Jeová (01) e Universal do Reino de Deus (01)) e na zona rural, onde foram documentadas Assembléia de Deus (02), Batista Memorial (01) e Congregação do Evangelho Quadrangular (01). Destas correntes, a equipe teve contato com apenas dois pastores, que possibilitaram a documentação interna dos templos.

Centros espíritas de orientação kardecista não foram observados em Bonfim, pelo menos se existem não estão bem visíveis como os demais credos. Porém, a história do espiritismo brasileiro registra o nome da professora e poetisa bonfinense, autora de “Ciranda da Vida” - Maria de Carvalho Leite (1900 – 1959), que adotou o pseudônimo de Dolores e teve poemas psicografados pelo médium Chico Xavier, importante líder kardecista brasileiro.

Os terreiros são cadastrados como centros de Umbanda. Estas casas estão situadas na sede - Oxossi (Rua do Tanque Novo), Deus dará em Umbanda (Rua da Cachoeira), Rei dos Astros

(Rua Santa Cruz), Caboclo Boiadeiro (Rua da Jaqueira II), Ogum/Oxum (Rua da Feira), Barracão de Oxossi (Rua da Jaqueira I) e Salão Santo Antonio (Rua da Paz) e na zona rural - Divino Espírito Santo (Fazenda Jenipapo), Abaluaê com Iansã, Ogum e Tupinambá (Terra Nova), Iemanjá/Tupinambá (Poço) e Índio Tupinambá (Terra Nova). Oito homens na faixa etária de 30 a 75 anos exercem a supremacia como liderança nos terreiros, enquanto três mulheres na faixa etária de 60 a 80 anos estão presentes neste cenário. Todos realizam práticas de curas e se distinguem como: **curandeiros**, que lidam apenas com folhas, garrafadas e cobras, **zeladores**, que usam contas, cartas e folhas. Independente desta distinção, a população mais idosa, denomina-os de curadores/curandeiras. No Salão Santo Antonio, a dona da casa não realiza as mesmas funções que os demais, não faz “trabalhos”, mas cumpre com obrigações do candomblé e como rezadeira de desmentidura, utiliza uma pedra, que pode ser um seixo de rio ou um fragmento de rocha calcária da caverna de Bom Jesus da Lapa. Há outras **rezadeiras** e **rezadores**, que conduzem benzeduras, novenários e cantorias. Quanto à arquitetura, há terreiros com barracão integrado à residência, no entanto dois barracões situam-se na parte de fundo e três na entrada. De outra forma, há cinco terreiros com barracão separado da moradia. De certa forma, isto revela um quadro menos opressor.

### **BREVE HISTÓRIA DA POVOAÇÃO**

É possível afirmar que origem da povoação em Bonfim de Feira teve seu desenvolvimento marcado pelos caminhos dos tropeiros e dos boiadeiros, que ligavam o Sertão ao Recôncavo e eventualmente ao Litoral. A população tinha a Freguesia da Cachoeira como principal referência de comunicação com povoamento no alto da colina da mata de calumbi.

*Calumbi* ou calumba é uma planta espinhosa da *Caatinga* também chamada pelo sertanejo de “unha de gato” ou “rompe-gibão”. Trata-se de uma planta subarborescente da família das menispermaceae (*Jateorhisa palmata*), cujo espinho é curvado. Do ponto de vista etimológico, a palavra calumbi é de origem tupi-guarani: *Caa* – mata e *rumbi* – azul (BUENO, 1968). Provavelmente, o azul pode estar relacionado ao efeito que se vê ao longe ou ao que Gustavo Barroso comenta: “O sertanejo ... empiricamente, distingue o verde, que quase sempre confunde com azul ... e o azul que é analogamente ao glauco dos povos antigos uma meia tinta indecisa, um cinzento triste, sujo, cor de chão e cor de poeira. As vacas do Norte têm o pelo dessa cor. O sertanejo denomina-a de ‘azulonas’. Assim, quem pouco conhece os usos do sertão, ficará espantado ao ouvir um vaqueiro dizer da alpendrada da fazenda que pelo terreiro vai passando uma vaca azul” (Barroso, [1912] 2006, p. 115).

Não se pode afirmar que os vaqueiros bonfinenses tiveram ou tenham esta mesma percepção. Todavia, há indícios da existência da mata de *Calumbi* e o povoado tornou-se caminho do gado e ou por conta do caminho do gado tornou-se povoado. No século XX, as boiadas “*vinham das bandas de Minas e Goiás*” e os boiadeiros atraídos pelas festividades religiosas, “*paravam onde hoje é o centro paroquial. Faziam paragem e depois, pegavam a estrada boiadeira seguiam no caminho para a Cachoeira*” (Grilo, 2008). Os tropeiros, elementos importantes na comunicação e povoamento do sertão nordestino, também fazem parte desta história: “*lembro da burrinha enfeitada, zuada do chucalho e as fita e a gente criança corria prá ver na rua atrás do Tanque Novo*” (L.F., 71 anos).

Até a década de 1980, as crianças se divertiam com a passagem das boiadas. Com a simpatia da “*tesoura aberta*” e ateando fogo no sal para a boiada se espalhar, as crianças se reuniam nos quintais e janelas para acompanhar a agitação do “*boi solto*”, que por vezes invadia residências. Era divertimento para as crianças e desespero para os vaqueiros na Rua Formosa (S.B., entre 25 e 30 anos) ou atrás da Rua do Tanque Novo (V.F., entre 35 e 40 anos).

A presença do gado, a influência das culturas católica e afro-brasileira, o sincretismo e as alterações se confirmam nos costumes, no cotidiano e na toponímia atual. As conversas sobre os nomes das ruas mostram que a tradição oral tem duas versões para a toponímia e a construção da igreja matriz. Uma das versões extrai-se do diálogo entre idosos: “*Agora, o início do nome, ela quer saber do início* (LF, 71 anos). *E por que mudou* (JT, 74 anos). *Não, como foi fundado esse nome. Porque aqui, se aqui é o Bonfim, por quê? Foi porque o Senhor do Bonfim apareceu aí*” (LF, 71 anos). E de outra geração: “*ali, existia uma gruta, onde o Senhor do Bonfim aparecia*” (EM, 50 anos).

A outra versão refere-se a uma promessa da família Bastos do sítio Calumbi. Manoel Antonio de Bastos negociou um negro forte com um fazendeiro de Camisão (atual Ipirá). O objetivo era procriação, fato comum entre os senhores fazendeiros no Brasil colonial. No traslado, o negro fugiu. Portanto, católica devota, Bernarda Conceição fez uma promessa para que o negro fosse encontrado. O negro é localizado e o casal cumpre a promessa com doação do terreno para a construção da capela, segundo AC. A primeira versão é mais lembrada, enquanto a segunda é silenciada ou desconhecida pela população bonfinense.

Contudo, estas versões possivelmente não se excluem. Pois é fato, que foi construída a capela no alto da colina da mata de Calumbi, como ex-voto da promessa do casal Bernarda Maria da Conceição e Manoel Antonio de Bastos conforme transcrição de documento cartorial (livro nº 58, fl. 39, Arquivo Cachoeira). Desta maneira, em 20 de agosto de 1783 o terreno foi doado

para construção da capela em honra ao São João Nepomuceno e ao Senhor do Bonfim. O casal doou também a imagem do Senhor do Bonfim, vinda de Portugal e datada de 1743.

Em 1803, o lugar recebeu a outorga de Paróquia da Vila do Bonfim com a nomeação do primeiro pároco - João Joaquim de Carvalho. Em 1835, a vila tinha 307 casas e uma população estimada em 1406 pessoas. Dentre os habitantes, há 405 escravos e 41 negros libertos, que representam aproximadamente 32% do contingente populacional daquela época. Segundo Neves (2005), a estrutura político administrativa do Império não dispunha de meios para realizar um censo territorial, portanto confiou-se aos párocos o primeiro cadastramento fundiário geral, através da Lei das Terras (nº 601 de 18 de setembro de 1850) e Repartição Geral das Terras por decreto nº 1318 de 30 de janeiro de 1854. Neste contexto, a Vila de Bonfim recebeu a outorga de freguesia em 16 de julho de 1859 e desmembra-se da freguesia de São José das Itapororocas. Deste modo, por meio da Resolução Provincial nº 756 passa a designar-se Freguesia de Senhor do Bonfim da Feira de Santana ou do Senhor Bom Jesus do Bonfim, segundo Boaventura (2006, p. 200).

Em 1881, o Padre Cupertino Lacerda (1850 – 1927) instala-se na freguesia do Bonfim da Feira de Santana, onde permanece por 46 anos. Importante personalidade na política feirense e baiana, conhecido pela sua oratória, seus restos mortais repousam no jazigo diante do altar-mor da Igreja Matriz de Bonfim. Na pedra tumular em mármore branco, a inscrição registra “*Grande orador sacro Vigário desta freguesia durante 46 anos tendo sido o seu bemfitor natural de Santo Amaro - 18/09/1850 a 09/01/1927*”.

Conforme arquivos do Jornal Folha do Norte (1909, 1910, 1911) constata-se a presença de Cupertino Lacerda na política baiana. Em 1908, ele assumiu o Governo da Bahia por um período de um ano e experimentou derrota do partido republicano. A “Freguesia do Senhor do Bomfim de Feira” tornou-se seu exílio. Uma das pregações do padre Lacerda - “*Sermão Nossa Senhora e Santa Isabel*” - editado postumamente em 1939, marca a presença deste pároco como gênero literário na categoria de textos doutrinários e moralizantes da enciclopédia de literatura brasileira de autoria de Coutinho & Souza (1985).

No início do século XX a matriz antiga apresentava estilo barroco e duas torres: uma em honra ao São João Nepomuceno e a outra ao Senhor Bom Jesus do Bonfim. Entretanto, São João Nepomuceno caiu no esquecimento, não há imagens no acervo da paróquia e encontra-se apenas no registro do termo de doação e no livro de tombo da Matriz. Este fato é comum no Brasil, menciona Cascudo (2001): “*o Santo pode estar no altar principal, mas não ser o padrinho (padroeiro) da freguesia*”.

Após o falecimento do Padre Lacerda a paróquia recebeu Odulpho Figueiredo (1927, 1930), Zótico Salles (1927 – 1930), Carlos Olympio (1930), Lucio Cordeiro (1930 – 1935), Amilcar Marques (1935 - 1936) e Tancredo Barbosa (1936 - 1947). Este último permaneceu por onze anos na paróquia, administrou a reforma da matriz e acompanhou mudanças ambientais no distrito entre 1935 e 1943, a exemplo de trocas de topônimo, construção do coreto e substituição do cruzeiro de madeira.

A toponímia foi alterada em todo o território brasileiro, fato que Eurico Boaventura considerou uma profanação, um desrespeito e expressou seu lamento: “*Atualmente, o tal de Ibegê se lembrou de barbarizar os topônimos sertanejos, como se o nome fosse coisa que se pudesse mudar como se troca de roupa, ou se substitui uma gravata fora de moda. Depois de trinta, é esta a moda... Como o do homem, o nome das cidades ou vilas, ou mesmo arruados sertanejos, mesmo de simples acidente geográfico sem repercussão lá fora, deve de ser imutável. É patrimônio da cidade ou vila orgulhosa.*” (ensaio Entre Alecrins e Candeias Floridos, Boaventura, 2006, p. 185).

Esta alteração ocorreu no governo de Getúlio Vargas da chamada Nova República do Brasil, que decretou modificação da toponímia brasileira, constituindo-se a primeira tarefa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. O decreto determinava a adoção (em tese) do tupi-guarani para todas as localidades brasileiras. Desta maneira, por decreto estadual nº 11.089 de 30 de novembro de 1938, em Feira de Santana, o distrito de Bom Despacho passou a ser designado Jaguará; Nossa Senhora dos Remédios da Gameleira passou a Ipuauçu; o distrito de Senhor Bom Jesus do Bonfim passou a ser designado Itacuruçá.

Em 1956, E. Boaventura escreve “*Respeitem-se as nossas agremiações urbanas, que têm nome a zelar e conservar, mormente quando guardam elas a sua história, a sua crônica, história que se repete na vida dos seus filhos ... Justificável seria, se Bonfim da Feira surgisse hoje, que se lhe desse o brasileiríssimo Itacuruçá, nome que lembrei para substituir o feio híbrido Itacruz, como lhe haviam dado, já que a ânsia doentia de mudança de nome era incontida*” (Boaventura, 2006, p. 185). Portanto, a proposição Itacruz sofreu contestação e o distrito foi registrado como Itacurussá (Itacuruçá), que segundo Bueno (1968) significa *ita* – pedra, *curussu* ou *curussa* – cruz, que na variante portuguesa leia-se “pedra em cruz” ou “cruz de pedra”. De certa maneira, esta toponímia faz jus a fisiografia, o meio físico, as serras e os montes residuais, que são elementos comuns na geografia do lugar.

Em 1939, a “Santa Cruz” de madeira foi substituída por alvenaria e recebeu revestimento de brita. Atendendo ao pedido do pároco Tancredo Barbosa, o Cel. João Barbosa de Carvalho, proprietário da “Pharmacia Bomfim” assume os custos da obra: “... *O Cel. João Barbosa,*

*amigo dos mais dedicados do Bonfim, ofereceu, a meu pedido, um Cruzeiro de Pedra Tosca que se ostenta imponente, em frente à Matriz em substituição a um outro que ali havia de madeira já meio apodrecida, custando a importância de 500\$....*” (Santos, 1939, fl. 19).

Não há dados sobre a opinião dos devotos da época. No entanto, pedras na cruz representam reverência e oração, um costume coletivo, muitas vezes associado com padrão funerário, que vêm de longe, de culturas orientais e ocidentais e de tempos muito remotos, segundo discorre Cascudo (2001). No caso brasileiro, o costume de pedra na cruz traduz o pensamento religioso de solidariedade cristã e influência lusitana (Cascudo, [1974] 2001, p. 50). Em Bonfim de Feira, seria interessante investigar se este comportamento foi além, pois tudo indica que a obra teve função estética e adequação à toponímia.

Neste período, o distrito conta com pelo menos duas escolas públicas (sexo masculino e sexo feminino), uma farmácia de manipulação e pelo menos uma das três filarmônicas (Minerva, Ceciliana e Terno Santa Cruz).

O Terno União Santa Cruz foi fundado em 1876, inicialmente formalizado como Lyra União. Reuniu pelo menos três gerações, a contar pelos registros fotográficos da inauguração da Ponte do Ribeirão do Cavaco (1946) e das procissões de São Roque (1974, 1976, 1983) e pelos documentos da programação da festa do padroeiro (1960). Na cinemateca brasileira e baiana, o terno se apresenta no “Grito da Terra” de Olney São Paulo e Ciro de Carvalho Leite (1963). Portanto, este grupo musical resistiu pelo menos um século. A curiosidade sobre as filarmônicas foi despertada na conversa sobre futebol: “*vocês precisam conversar com seu ZL, a tia dele casou com o maestro, que veio de Santo Estevão*”. Portanto, de ZL (87 anos) vem o relato: “*Aqui tinha duas filarmônicas. A Minerva e tinha uma outra. Estevão, vocês devem conhecer, ele foi o professor da 25, casou com uma irmã de meu pai, Regina Carvalho. E depois ela teve uma filha que casou com um menino ali dos Dórias na Feira. ... Como eu disse a vocês, minha família é Leite e Carvalho*”.

Da Lyra Ceciliana Bomfinense resta um recibo de 1923, no qual Justiniano Lima é presidente, Antério Moreira é secretário e Sisino Alves é tesoureiro. A Lyra Minerva Bomfinense teve a regência do famoso maestro Estevam Moura entre 1925 e 1931.

O padre Tancredo retomou a reforma da igreja em 1936, que por falta de numerários estava paralisada desde 1931. Esta reforma se estendeu até 1954, deixando a Praça Lacerda com a Nova Matriz, o Coreto e a Santa Cruz de Pedra. Ainda que rochas (pedras) não faltem e os cruzeiros estejam fincados, o nome Itacuruçá não vingou e por decreto estadual de 1943, retoma-se a denominação Bonfim de(a) Feira.

## **BENS CULTURAIS**

Aurélio Buarque de Holanda apresenta “Cultura” *como o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores espirituais e materiais, transmitidos, coletivamente e característicos de uma sociedade; civilização*. Na Constituição da República Federativa do Brasil, “patrimônio cultural” está contemplado no “Art. 216”: *“Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, a ação, a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”* ... (EC n. 42/2003). Partindo destas definições, os marcos históricos e geográficos (monumentos) e as manifestações culturais em Bonfim de Feira, merecem ser avaliados, considerando o postulado da Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural (UNESCO 1972) e definições básicas do Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia (BAHIA 1997). Esta convenção aprovada na 17ª Conferência da Organização das Nações Unidas para Educação e Cultura/UNESCO, em Paris (1972), considera como monumentos: obras arquitetônicas, de esculturas ou pinturas monumentais, elementos ou estruturas de caráter arqueológico, inscrições, cavernas e grupos de elementos que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência (apud Bahia 1997). Com base nesta convenção, Bahia (1997) define monumento como *“toda obra ou grupo de obras do homem, da pré-história a época atual, julgada testemunho de civilização ou de história, e como tal mereça proteção”*. Portanto, para efeitos descritivos apresenta-se a seguir dois conjuntos de bens culturais, que merecem ser avaliados.

### **Conjunto I:**

O primeiro conjunto inclui os monumentos, que são edificações, obras e casario popular. As edificações e obras são de natureza privada ou pública, que em maioria serviu ou serve como equipamentos estruturados ou locais de referência de consumo coletivo: (a) a Igreja do Senhor do Bonfim tem mais de dois séculos e passou por pelo menos três reformas; a última reforma foi concluída em 1954. Contudo, outras intervenções foram feitas após 1963, com remoção de pinturas sacras, das ornamentações no alto das paredes e de mobiliários. A mais recente cicatriz foi feita para fixação de antena para captação de sinal para rede internet no alto da torre. Na área batismal foi inserido um mural de autoria do artista Udo, em 1980; (b) Duas edificações de arquitetura civil e privada despertam atenção: “senzala” (anterior a 1900), casarão rural de dois pisos e porão que se situa no Candéal. Encontra-se em ruínas; “chalé” (1904), casarão visto da Rua da Feira, passou por reformas e sofreu intervenções; (c) Na fazenda do Jenipapo, tem-se a centenária construção rural colonial e por aproximadamente

quatro décadas abrigou a bandeira do Divino Espírito Santo com o babalorixá João Batista da Conceição. Associado ao terreiro há nichos, altares e o “Catendê”, ambiente sacro afrobrasileiro; (d) O Monte, onde está assentada a capela com registro de 1926, abriga ex-votos, lendas e peregrinação de católicos e de povo de santo. As rochas guardam as lendas das marcas da “carruagem” e do “pé”. Na capela, a população costuma acender velas e depositar objetos e artefatos religiosos danificados ou que pertenceram às pessoas falecidas (oratórios, imagens de santos, dos caboclos, dos orixás, terços, rosários, bilhetes). Anualmente é promovida uma limpeza interna da capela e corte da cobertura vegetal na encosta. Não foi possível verificar a opinião do devoto sobre a intervenção, mas para o meio físico, a extração da cobertura vegetal aumenta a velocidade do fluxo de água pluvial e facilita o processo de erosão da cobertura superficial do solo; (e) Quanto ao casario popular, arquitetura civil e privada não foi feita quantificação, mas individualizam-se pelo menos quatro estilos arquitetônicos: rural colonial, eclético, moderno e atual. Independente do agrupamento, adobe e tijolos grandes intercalados com pedaços de cerâmica estão nas construções mais antigas. Os blocos vazados são vistos nas construções atuais, dos últimos cinco anos. A maioria das residências apresenta frontais rentes ao passeio e janelas para rua, que trazem Ecléa Bosi que diz “*Nas biografias que colhi, as casas descritas tinham janelas para frente; ver a rua era uma diversão apreciada não havendo a preocupação com o isolamento, como hoje, em que altos muros mantêm a privacidade e escondem a fachada*” (Bosi, 2003, p. 25). Em Bonfim de Feira, os muros altos não chegaram, mas diversos frontais foram alterados, destruídos ou se encontram em ruínas, conforme relata Melo (2011); (f) As obras deixadas pelas santas missões jesuítas do Brasil Colônia - os cruzeiros estão fincados na Praça Lacerda (1937) e nos caminhos para o interior, a exemplo do Monte (pelo menos de 1926), no final da Formosa (década de 1950) e defronte ao Cemitério (década de 1950); (g) O coreto situado na praça Lacerda foi construído em 1937, concomitante as reformas da igreja e a instalação da pedra na cruz. As três obras representam o conjunto mais bem preservado no distrito.

### **Conjunto II:**

O segundo conjunto insere os bens imateriais, dentre os quais estão celebrações atuais e celebrações que permanecem apenas na memória coletiva, como música (filarmônicas, ternos, cantorias), cavalgada, vaquejada, cinema (sala de projeção, cenário), clube, capoeira, feira livre e antigo matadouro. Em vias de extinção estão os costumes rurais de bata do feijão, quebra do milho e amarra de fumo. A justificativa é a migração de jovens do sexo masculino para trabalhar na cidade da Feira de Santana ou em outras localidades, como Santo Estevão e Salvador. A outra justificativa diz respeito ao surgimento das máquinas e a queda das culturas

de fumo, ou mesmo que “os mais moços não querem saber mais disso”. Os mais antigos ainda preservam e convidam os tocadores, as rezadeiras e os amigos para festejar a colheita com “*tirar o reis*” ou “*robar o reis*”. As cantorias de reis, aboio e o samba de roda resistem, embora tenham sofrido alterações ao longo dos anos. Os terreiros preservam cantorias de “*reis*” e “*reis coroados*” em meio às celebrações do candomblé, em uma espécie de aculturação, cujo cenário (gestual, cantorias) remete o observador às folias de reis e aos autos dos congos, descritos em Araújo (2007) e Ramos (2007). O samba de roda integra o “*currido de samba*” e “*samba de coco*”, que se diferem quanto ao modo de dançar, de cantar e dos instrumentos usados (acordeão, zabumba, tambor, pandeiro, viola, cavaquinho, taboinhas). “*Prá coco basta o pé na parede, um zabumba, uma viola, a harmônica (acordeão), não precisa o tambor, esse bábábá..., a gente não escuta nada*” (FF, 81 anos). “*No coco, quando para a cantiga, as pessoas (duas a duas) começam a dançar, vai uma (dupla), depois vai outra, é assim. Se embolava, Basílio fechava a sanfona*” (NC, aprox. 60 anos).

As manifestações culturais marcadas pelas religiosidades estão bem conservadas. São celebrações do calendário eclesiástico católico e afrobrasileiro (Barbosa *et al.*, 2012). Dentre os centros evangélicos, apenas a Igreja Batista Fundamentalista divulga em via pública a celebração anual pelo aniversário do templo. Faixas e avisos nas ruas da sede e no templo, coral com os presentes, testemunhos, cumprimentos, leitura e música ilustram o evento.

Conforme descreve Barbosa *et al.* (2012), as celebrações ou obrigações da casa ou dos filhos de santo são destinadas ao Senhor do Bonfim/Nossa Senhora da Conceição (janeiro), às orixás das águas Iemanjá/Oxum (N.Sra das Candeias)/Oxumaré (fevereiro), ao silêncio dos tambores entre o carnaval e a Páscoa, ao São Jorge/Oxossi (abril), ao Santo Antonio/Ogum (junho), ao Rei dos Astros/Xangô (mês de junho), aos Caboclos (julho), ao São Roque/Abaluaê (agosto), ao caruru de Cosme e Damião (mês de setembro), ao Ogum (outubro) e à Santa Bárbara/Iansã (dezembro). Na programação, alguns terreiros realizam novenário, missa, procissão, leilão e lavagem. As celebrações unem santos católicos, orixás, caboclos e encantados, a exemplo de Iemanjá/orixá das águas associada com Nossa Senhora da Conceição/santidade católica ou o caboclo-índio Tupinambá/oriundo da cultura indígena associado com São Jorge/santidade popular sem lugar entre as imagens da igreja católica local e ascendente de Oxossi/orixá das matas, seguindo a tradição africana. Nos terreiros, a mesada para Cosme e Damião não se restringe ao mês de setembro, ocorre em toda obrigação do orixá/santo/caboclo homenageado. Nas celebrações católicas ocorrem novenários, missas e procissões, além de cavalgadas, leilões, quermesses e shows. Os louvores são realizados na sede distrital e nas capelas, situadas na Fazenda Jenipapo e nos povoados Terra Nova, Crueira e Santa Bárbara I. O

calendário católico se realiza com Domingo de Ramos (final de março ou início de abril), Páscoa (início ou meados de abril), padroeiro Senhor do Bonfim (última semana de maio), *Corpus Christi* (início de junho), São Cristóvão/Santo Antonio (junho) e São Roque (meados de agosto). O festejo junino para São Pedro integra o calendário oficial do município, recebe o patrocínio da Prefeitura de Feira de Santana e tem “guerra de espadas” como iniciativa popular. Além destas, a paróquia realiza Missa do Vaqueiro nos festejos para o padroeiro (maio) e a Missa do Lavrador em homenagem ao trabalhador rural (setembro).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, o mapeamento do distrito de Bonfim de Feira revela bens culturais de relevância não somente para a população local, porém para a história de Feira de Santana e da ocupação e povoamento do sertão baiano. Os resultados de Melo (2011) mostram que a população do distrito não tem uma opinião clara sobre a preservação do seu patrimônio material e imaterial, inclusive alguns populares relataram que preferem as modificações do casario.

A despeito disso, as manifestações culturais de uma maneira geral são preservadas e seguem com mês ou quinzena fixa, porém o dia pode ser móvel. Os louvores ao Senhor Bom Jesus do Bonfim, à Nossa Senhora da Conceição, ao Santo Antonio e ao São Roque segue a tradição brasileira (Araújo, 2007). Uma herança, que conforme Cascudo (2001) aprendemos “*a temer a Deus e amar Nossa Senhora*” (p. 407) e o Senhor do Bonfim “*É o Bom Jesus! Centraliza as grandes romarias fervorosas, Bonfim, Lapa, Pirapora, Bom Jesus das Dores, distribuindo graças quando recebia os derradeiros ultrajes. O povo só se comove realmente ante duas expressões físicas do Messias. O Menino-Deus no presépio e o Bom Jesus no madeiro da Gólgota. A criança determina a floração de ternura no complexo protetor da paternidade. O Crucificado provoca uma piedade de revolta e protesto pela injustiça da violência e a brutalidade da Força onipotente. Vale muito mais com sua coroa de espinhos que o Cristo-Rei no seu diadema de ouro. É o Bom Jesus com o coração aberto pela lança legionária, ampliando o caminho às misericórdias do Entendimento*” (Cascudo, 2001, p. 445). Esta tradição brasileira ao “Bom Jesus” e o sincretismo talvez seja a explicação mais clara para o esquecimento ao padroeiro São João Nepomuceno. A devoção à Senhora da Conceição, ao Santo Antonio e ao São Roque tomam força pelo sincretismo e a presença da cultura do Candomblé com Iemanjá, Ogum e Abaluaê. Alguns zeladores, rezadeiras, rezadores e povo de santo transitam harmoniosamente em meio aos católicos.

## **Agradecimentos**

Pela motivação e apoio, os autores são gratos à população de Bonfim de Feira, aos funcionários da UEFS (Transporte, NUEG, ACMAY, ASCOM e TV Olhos d'Água, à Juliana Oliveira e Rosemíria Santos (bolsista de Geociências), ao Ronaldo Santana e todos os motoristas da UEFS, que nos acompanharam durante os trabalhos de campo.

## **REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS**

- ARAÚJO, A.M. *Cultura popular brasileira*. Raízes. São Paulo: Martins Fontes. 2007.
- BAHIA. Secretaria da Cultura e Turismo IPAC – BA: Inventário de proteção do acervo cultural da Bahia; monumentos do município do Salvador. Salvador. 1997.
- BARBOSA, LM., SOUZA, GB., PAIXÃO, RS., PATEL, BN. Manifestações culturais em Bonfim de Feira: memória e costume. III Congresso Nordeste de Extensão. Feira de Santana: UEFS. 2012.
- BARBOSA, LM. (coord.) Recursos naturais (minerais) e materiais de construção. Relatório de Pesquisa (2001 – 2004). Feira de Santana: UEFS. 2004.
- BARBOSA, LM., SILVA, AS., GRILO, DC., SOUZA, GB., MELO, LF. Bom fim: Bonfim em foco I. Feira de Santana: UEFS. CD-ROM. 2010.
- BARROSO, G. *Terra do Sol*. Rio de Janeiro: ABC. [1912] 2006
- BOAVENTURA, EA. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS. 2006.
- BOSI, E. *O tempo vivo da memória e esquecimento: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê editorial. 2003.
- BUENO, F.S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa: vocabulários da língua portuguesa e científica - sinônimos contribuições do Tupi-Guarani*. São Paulo: Saraiva. 1968.
- CASCUDO, LC. *Superstições do Brasil*. São Paulo: Global. [1974] 2001.
- COUTINHO, A., SOUZA, JG. *Enciclopedia da literatura brasileira*. Global. 1985
- GRILO, DC 2008. Mapeamento de Bonfim de Feira. Relatório de Iniciação Científica. Feira de Santana: UEFS.
- IBGE. *Dados censitários*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2000
- JORNAL FOLHA DO NORTE. Arquivos digitais. Feira de Santana: Museu Casa do Sertão/UEFS. 1909, 1910, 1911.
- MELO, LF de. Arquivo dos recursos naturais e culturais do distrito Bonfim de Feira. Relatório de Iniciação Científica. Feira de Santana: PPPG/UEFS. 2009.
- MELO, LF de. Arquivo digital do distrito Bonfim de Feira. Relatório de Iniciação Científica. Feira de Santana: PPPG/UEFS. 2010.
- MELO, LF. de. Identificação, uso e apropriação do patrimônio ambiental e histórico (material) do distrito Bonfim de Feira. Relatório de Iniciação Científica. Feira de Santana: PPPG/UEFS 2011.
- NEVES, EF. 2005. Estrutura fundiária e dinâmica mercantil: alto sertão da Bahia, séculos XVIII e XIX. Salvador: Edufba.
- SANTOS, TB. Ata. Livro de tombo da Freguezia do Senhor do Bonfim. Bonfim de Feira: Paróquia do Senhor do Bonfim. Feira de Santana. 1939.

SILVA, AS Caracterização do meio físico do distrito de Bonfim de Feira. Feira de Santana. Relatório de Iniciação Científica. (orientação Gracinete Bastos de Souza), Feira de Santana: PPPG/UEFS. 2007.

SILVA, AS, SOUZA, GB. Diagnóstico geoambiental do distrito Bonfim de Feira. Goiânia: *Ateliê Geográfico*, 3(8): 53 – 73. 2009.

---

<sup>i</sup> Para desenvolvimento da pesquisa, os três últimos autores receberam bolsa de iniciação científica (FAPESB, PROBIC, PIBIC-CNPq) dentro do Projeto Recursos Naturais e Materiais de Construção em Feira de Santana.